



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LENILDO GONÇALVES BENTO

**IMPACTOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA
DURANTE A PANDEMIA: Uma análise focada nos estudantes e professores de
Geografia, nas cidades de Sertãozinho e Guarabira.**

GUARABIRA-PB

2022

LENILDO GONÇALVES BENTO

**IMPACTOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA
DURANTE A PANDEMIA: Uma análise focada nos estudantes e professores de
Geografia, nas cidades de Sertãozinho e Guarabira**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia) apresentado ao Programa de Graduação de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientadora: Prof. Dr.^a Juliana de Almeida Nobrega

GUARABIRA -PB

2022

B478i Bento, Lenildo Gonçalves.
Impactos no ensino e aprendizagem da
educação geográfica durante a pandemia
[manuscrito] : uma análise focada nos estudantes e
professores de Geografia, nascidades de Sertãozinho e
Guarabira. / Lenildo Gonçalves Bento. - 2022.
52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Juliana Nóbrega de Almeida ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Ensino de Geografia. 2. Educação Geográfica. 3.
Ensino Médio. 4. Pandemia. I. Título

21. ed. CDD 372.89

LENILDO GONÇALVES BENTO

**IMPACTOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA
DURANTE A PANDEMIA: Uma análise focada nos estudantes e professores de
Geografia, nas cidades de Sertãozinho e Guarabira**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia) apresentado ao Programa de Graduação de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Aprovado em: 21/07/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.^a Juliana de Almeida Nobrega (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Ramon Santos Souza

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a minha amada mãe mulher gentil, doce e sobretudo altruísta que me ensinou desde os primeiros momentos da minha vida o que era o amor. Ao seu cuidado, afeto e carinho dedico não apenas minhas produções acadêmicas, mas todos os meus esforços.

AGRADECIMENTOS

A Deus na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo pelo dom da vida e da liberdade de escolher crer e ter, nesta crença, a motivação para viver com um propósito digno. Grato por todas as situações que jamais caberiam ser descritas ou mensuradas apenas em palavras. A Deus, minha vida.

A meus amados pais que em tudo me auxiliaram, herdo do meu pai a moralidade e honestidade, da minha mãe o amor e compaixão. Meus progenitores por tudo que juntos superamos na união de nossa família e no processo de nossa subsistência sou grato e espero pelo dia que lhes possa retribuir, ainda que minimamente, tudo que por mim fizeram e fazem até hoje.

A meus queridos avós que estão agora nos braços do meu Deus, por todo apoio moral, físico, emocional e até financeiro que me prestaram desde meu nascimento até o último de seus dias, suas vidas permanecem em meu coração, grato sou a Deus por ter tido a extraordinária oportunidade de viver com cada um de vocês.

A minha então namorada Natália Evaristo de Pontes, por todo o apoio que forneceu em vários momentos de nossa cumplicidade. Agradeço imensamente por todos os momentos felizes, risadas e alegrias que compartilhamos em nossa caminhada juntos, em nosso amor e nosso futuro estão minhas esperanças, grato é meu coração ao lembra-se do teu nome.

Aos meus estimados amigos, alguns os tenho como irmãos e irmãs, provenientes do ensino básico, da convivência nas salas e corredores do campus III de Guarabira da UEPB e dos momentos livres de diversão e ócio que tanto prezo. Por todo apoio e amizade agradeço e cito aqui: Luiz Weslei de Freitas Silva, Emerson Carvalho, Maria José Guedes Pontes, Juliana da Costa Rocha, Victor Hugo Francelino da Silva, Rômulo Lourenço de Oliveira, José Maciel pereira, Daniel Ferreira de Oliveira, Juliano Santiago da Silva e Samara Albuquerque.

A minha querida orientadora Dr. Juliana de Almeida Nobrega por todos esforços na missão de conduzir-me a conclusão deste trabalho, mas sobretudo pelo resgate de minha motivação para estudar. Minha gratidão a seu apoio, paciência e amizade que gratuitamente me ofertou desde que nossos propósitos intelectuais e espirituais colidiram, por todo seu cuidado meus sinceros agradecimentos.

Aos examinadores desta banca por seu tempo e atenção investidos para o aperfeiçoamento técnico, teórico e metodológico que me prestam ao aceitarem participar deste momento singular da minha experiência acadêmica.

“E conhecereis a verdade, e a verdade os libertará”.

João 8:32

043- GEOGRAFIA

BENTO, Lenildo Gonçalves. **IMPACTOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA DURANTE A PANDEMIA:** Uma análise focada nos estudantes e professores de Geografia, nas cidades de Sertãozinho e Guarabira. Monografia (graduação)- Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, Guarabira/PB, 2021, 51 p.

RESUMO

Essa pesquisa busca discutir os impactos no ensino e na aprendizagem da Educação Geográfica durante a pandemia, com foco especial para o Ensino Médio. Consideramos para realização desse trabalho as experiências obtidas por meio de um Projeto de Iniciação Científica na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, no centro de Humanidades, no curso de Geografia. Para a construção do presente estudo, a metodologia é baseada na pesquisa qualitativa, construída a partir de uma revisão bibliográfica, além da pesquisa de campo desenvolvida por meio de formulários, utilizando a plataforma *Google Meet*, para coletar os dados da pesquisa, junto ao público alvo, professores e alunos do Ensino Médio. Diante do exposto, o foco principal desse estudo é compreender os impactos da pandemia do Corona vírus no ensino e aprendizagem da Educação Geográfica, levando em consideração o processo de ensino remoto e híbrido, além das experiências, vivências e dificuldades dos estudantes e professores da rede pública de ensino da Paraíba, do Ensino Médio, com destaque para os municípios de Guarabira e Sertãozinho. Para isso, levamos em consideração os anos de 2020 e 2021, destacando os processos de ensino e aprendizagem em Geografia construídos durante esse momento. Neste cenário, com muitas incertezas professores e alunos foram desafiados a continuar a rotina escolar, por meio de aulas remotas emergenciais, de maneira síncronas e assíncronas, através de aplicativos e diversos meios digitais como: *Google Meet*, *Google Classroom*, e outros, utilizando aparelhos celulares e computadores. O ensino remoto possibilita para atual e futura gerações, refletirem sobre os impactos desse momento no cenário educacional, sendo possível perceber o gigantesco abismo com relação as desigualdades socioeconômicas presentes no Brasil, principalmente no acesso as TDIC's. Na Paraíba, especificamente nos municípios de Guarabira e Sertãozinho, foi possível perceber as limitações no acesso as ferramentas tecnológicas e também a internet, as lacunas desse processo são muitas, e consequentemente refletem no ensino-aprendizagem dos estudantes, provocando muitas vezes a desistência do aluno/evasão escolar. Contudo, é importante destacar que apesar das dificuldades, a pandemia acelerou o contato tanto de alunos, quanto de professores com o uso das tecnologias em sala aula, mesmo de forma abrupta.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia; Educação Geográfica; Ensino Médio; Pandemia

043- GEOGRAPHY

BENTO, Lenildo Gonçalves. IMPACTS ON TEACHING AND LEARNING OF GEOGRAPHIC EDUCATION DURING THE PANDEMIC: An analysis focused on Geography students and teachers in the cities of Sertãozinho and Guarabira. Monograph (undergraduate) - State University of Paraíba, UEPB, Guarabira/PB, 2021, 51 p.

ABSTRACT

This research seeks to discuss the impacts on teaching and learning of Geographic Education during the pandemic, with a special focus on High School. We considered for the accomplishment of this work the experiences obtained through a Scientific Initiation Project at the State University of Paraíba - UEPB, in the Humanities Center, in the Geography course. For the construction of the present study, the methodology is based on qualitative research, built from a bibliographic review, in addition to field research developed through forms, using the Google Meet platform, to collect research data from the public. target, teachers and high school students. In view of the above, the main focus of this study is to understand the impacts of the Corona virus pandemic on the teaching and learning of Geographic Education, taking into account the remote and hybrid teaching process, in addition to the experiences, experiences and difficulties of students and teachers of the network. public education system in Paraíba, for secondary education, with emphasis on the municipalities of Guarabira and Sertãozinho. For this, we take into account the years 2020 and 2021, highlighting the teaching and learning processes in Geography built during that moment. In this scenario, with many uncertainties, teachers and students were challenged to continue the school routine, through emergency remote classes, in a synchronous and asynchronous way, through applications and various digital media such as: Google Meet, Google Classroom, and others, using cell phones and computers. Remote teaching makes it possible for current and future generations to reflect on the impacts of this moment on the educational scenario, making it possible to perceive the gigantic abyss in relation to the socioeconomic inequalities present in Brazil, especially in access to TDIC's. In Paraíba, specifically in the municipalities of Guarabira and Sertãozinho, it was possible to perceive the limitations in access to technological tools and also to the internet, the gaps in this process are many, and consequently reflect on the teaching-learning of students, often causing the student to drop out. /school dropout. However, it is important to highlight that despite the difficulties, the pandemic accelerated the contact of both students and teachers with the use of technologies in the classroom, even abruptly.

KEYWORDS:Teaching Geography; Geographic Education; High school; Pandemic

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Elementos mais significativos nas aulas de Geografia, durante a pandemia...	23
Figura 2: Recursos dos alunos para acessar as aulas remotas.	26
Figura 3: Recursos dos professores para lecionar remotamente.	26
Figura 4: Localização da cidade de Guarabira-PB	31
Figura 5: Localização da cidade de Sertãozinho-PB	31
Figura 6: Relação entre alunos e professores durante o ensino na pandemia, segundo os professores.	32
Figura 7: Classificação do ensino durante a pandemia, segundo os alunos.	33
Figura 8: Grau de sobrecarga dos professores por razões distintas	34
Figura 9: Nuvem de palavras com as principais limitações para o ensino na pandemia, segundo os professores.	35
Figura 10: Nuvem de palavras sobre o impacto da pandemia nas aulas de Geografia....	38
Figura 11: Aprendizagem na pandemia, segundo os alunos.....	39
Figura 12: Aprendizagem na pandemia, segundo os professores	39
Figura 12: possíveis usos das novas tecnologias.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA, ENTRE LIMITES E POSSIBILIDADES: UM RECORTE DIDÁTICO DOS IMPACTOS DA COVID- 19.....	17
2.1 O ACESSO AS TIC'S PARA A PARTICIPAÇÃO DAS AULAS DURANTE A PANDEMIA.....	22
3 CONSTRUÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM, EM GEOGRAFIA, DIANTE DOS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19.....	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5 REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE.....	48

1 INTRODUÇÃO

A Geografia Escolar é uma disciplina relevante, que estuda de maneira abrangente a relação plural entre a sociedade e a natureza, nos mais diversos tempos e espaços. Nessa direção a Geografia Escolar tem uma forte relação com a ciência Geográfica, como aponta Callai (2018, p 26), “quando unimos ciência e a disciplina escolar, passamos a construir uma Educação Geográfica, uma vez que criamos a possibilidade de compreender que o espaço que nos abriga e nos acolhe, espaço este construído por nós”.

Assim a Geografia é uma ciência/disciplina escolar que trata da compreensão do espaço, por meio dos seus processos de construção e reconstrução nas mais diversas escalas, do local ao global. Por meio desse espaço fazemos a história acontecer, vamos deixando rastros que se materializam, o que resulta dos processos vividos.

Desse modo, Deon (2020, p 2) afirma que “educar geograficamente pressupõe um modo de ensinar Geografia de forma a construir conhecimentos significativos para a vida do estudante”. Diante disso, para educar geograficamente, os professores enfrentam um grande desafio, pois necessitam não apenas dominar conteúdos, mas refletir e construir possibilidades de um ensino e aprendizagem significativa, especialmente, no momento atual pois, temos um currículo que mais parece um labirinto sem início e fim, especialmente quando se trata do Novo Ensino Médio, que passa a partir do ano de 2022 por uma reformulação/ transformação, conforme a Base Nacional Comum Curricular (2018)

O novo Ensino Médio foi pensado fora do chão da sala de aula e de suas grandes problemáticas educacionais, no qual a Geografia passará a ser uma disciplina eletiva, ou seja, não será mais uma disciplina permanente em nosso currículo, e sua inclusão dependerá da oferta da escola em questão e da escolha do aluno. Com isso esbarramos em dois problemas respectivamente: o primeiro apontado por Hilário e Ziliani (2019, p 75) onde elencam que “[...] em decorrência da precarização das escolas e de questões logísticas, sabe-se da impossibilidade de os alunos terem todas as opções disponíveis”, e o segundo apontado por Santos e Martins (2021) que ressaltam a dificuldade que os estudantes terão para tomar a decisão, organizar e editar o próprio currículo, uma vez que falta a estes estudantes o preparo necessário para conscientizá-los acerca da importância de cada disciplina.

O novo currículo para o Ensino Médio, expresso na Lei 13.415 de 2017 promoveu alterações radicais na proposta da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) com relação à Educação Básica. Entre tantas mudanças propostas umas delas é a retirada de disciplinas como a

Geografia da obrigatoriedade nos currículos escolares. Currículo este que dependerá da oferta da escola e da escolha de alunos que muitas das vezes não foram bem orientados para tomar uma decisão tão séria como essa.

Acerca dessa concepção Ferreti (2018, p 34) nos afirma que:

A Lei 13.415 pode ser interpretada, nesse sentido, como uma ação e proposição de afirmação da busca de hegemonia, no campo educacional, pelos setores da burguesia da sociedade capitalista brasileira, em contraposição às de caráter contra hegemônico, representadas pelas tentativas, formuladas no decorrer do primeiro governo Lula, de instituir no país uma educação de caráter integrado e integral [...]

Segundo o artigo 35 da lei 9.394 de diretrizes e bases (LDB) de 1996 o Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica que objetiva a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, além da preparação básica para a cidadania. Como parte final da Educação Básica brasileira, o Ensino Médio deve também, segundo Menezes (2021) garantir o emprego de formas de ensino que estimulem a autonomia dos estudantes, além de promover a preparação necessária para o trabalho em sociedade. As políticas educacionais a partir da década de 1990 para o Ensino Médio e os demais componentes da Educação Básica apresentam caráter formativo com a criação da Lei nº 9.394, de 31 de dezembro de 1996, denominada de Diretrizes e Bases da Educação além da criação dos PCN's.

Conforme a Lei de Diretrizes Curriculares Nacional de educação que abrange a modalidade Ensino Médio aponta sobre o uso das tecnologias em sala de aula se diz que:

Concretamente, o projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar: VIII – utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011 - Projetos Políticos Pedagógicos/Cap. VIII).

Na escala local temos destaque para os documentos como Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), planos nacionais curriculares (PNC) e outras conforme as Diretrizes Operacionais das escolas da rede estadual da Paraíba, um documento anual, (2022, p 21) “os currículos do Ensino Médio deverão considerar a formação integral do/a estudante, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção do seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais”.

Ainda segundo as Diretrizes Operacionais das escolas da rede estadual da Paraíba (2022), essa etapa do ensino deve concentrar-se na consolidação e no aprofundamento dos conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, na preparação básica para o trabalho e a cidadania, e no aprimoramento do aluno enquanto pessoa humana, incluindo sua formação ética. Além, é claro, de focar no desenvolvimento da sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, bem como a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria à prática, no ensino de cada disciplina que vier a cursar.

Entretanto, apesar destes documentos tentarem promover avanços no currículo do Ensino Médio, causaram retrocessos. Alguns descaminhos surgiram, o Novo Ensino Médio, por exemplo, demonstra uma precarização do currículo obrigatório da educação básica. A condição de disciplina opcional em que a Geografia foi posta concorda com essa realidade. A importância que a BNCC dá a esta disciplina é notória quando descreve que:

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que essa disciplina aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta (BNCC, 2018, p 359).

Além dessa opcionalidade curricular proposta e executada nas escolas brasileiras problemas como: falta de estrutura física e digital, pouco ou nenhum acesso à internet, evasão escolar, e falta de incentivos ao estudante fazem com que o ato de educar torne-se ainda mais difícil de ser implementado para todos.

Para além disso, os estudantes do Ensino Médio e principalmente os concluintes da rede pública de ensino da Paraíba, de alguma forma, foram afetados com o ensino remoto emergencial e híbrido, durante os anos de 2020 e 2021, durante a pandemia da COVID-19. Diante disso, devemos pesquisar se a aprendizagem desses alunos foi comprometida. Caso essa ideia seja confirmada, acende um alerta que preocupa os professores e pesquisadores do ensino de Geografia, tendo em vista que os estudantes poderão carregar lacunas pedagógicas para o resto de suas vidas, que podem até, no pior dos casos, impedir seu ingresso nas universidades que desejam, ou de conquistarem outros projetos de vida que necessitam do conhecimento escolar.

Indubitavelmente, um dos desafios para os atuais professores de Geografia, especialmente, com a pandemia da COVID-19, é encontrar formas para conciliar o

conhecimento científico da Geografia com o cotidiano dos estudantes. Essa ação requer dos professores conhecimentos para além de uma instrumentalização puramente instrumental técnica, junto à dimensão do ensino e da aprendizagem da Educação Geografia, necessitando de uma reflexividade profunda entre teoria e prática. Como bem destaca Alarcão (2011, p 44) pois “A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reproduzidor de ideias e práticas que lhe são exteriores.”

Desse modo a Geografia, assim como as demais disciplinas, sofreu os impactos do afastamento proveniente da pandemia. Alunos e professores afastados um do outro, encontraram uma situação difícil para estabelecer os processos educativos que antes faziam parte do cotidiano destes envolvidos. Os sujeitos, aluno e professor, são os grandes protagonistas do ensino que ocorre em nossas salas de aula, entender a perspectiva deles no que se refere ao ensino de Geografia é o melhor caminho para avaliarmos essa prática e então trabalharmos em prol do seu constante e imparável melhoramento.

Nas palavras de Callai (2011) a Educação Geográfica é mais que ensinar e aprender Geografia. Significa também que o aluno estará apto para construir as bases de sua inserção na sociedade em que vive e assim compreender como essa dinâmica se constrói através do entendimento da sua própria espacialidade. Portanto, diante do ensino remoto e híbrido coube também observar se a educação geográfica seguiu os caminhos traçados nas palavras e observações da autora.

Diante do exposto, o foco principal desse estudo é compreender os impactos da pandemia do coronavírus no ensino e aprendizagem da Educação Geográfica, levando em consideração o processo de ensino remoto as experiências, vivências e dificuldades dos estudantes e professores da rede pública de ensino da Paraíba, do Ensino Médio, com destaque para os municípios de Guarabira e Sertãozinho, porque fazem parte da escala local deste estudo.

Pretendemos então, destacar alguns dos limites e as possibilidades da construção do ensino de Geografia; identificar alguns impactos no ensino e aprendizagem da Educação Geográfica no Ensino Médio durante a pandemia. Para isso, levamos em consideração os anos de 2020 e 2021 e os primeiros meses de 2022, destacando os processos de ensino e aprendizagem construídos durante esse momento. Dessa forma, a pesquisa tem como recorte espacial escolas de dois municípios que abrangem a 2ª Regional de Ensino da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, Guarabira e Sertãozinho, respectivamente.

Com as demandas de acesso impostas aos alunos e professores pelo ensino remoto, as escolas precisaram se reorganizar para realizar um ensino pautado no uso das tecnologias digitais, visto que, esta era a única saída para realização das aulas no momento da pandemia. Desse modo, é necessário pesquisarmos quais foram os pontos positivos, bem como, quais as lacunas pedagógicas e educacionais deixadas pelos formatos de ensino e aprendizagem que foram adotados na pandemia, uma vez que nem todos os estudantes, especialmente os da rede pública tiveram acesso adequado às plataformas virtuais, visto que, a educação requer o uso de aparelhos tecnológicos e internet de qualidade, ferramentas estas que nem sempre os alunos dispõem em suas residências, especialmente, dos oriundos da rede pública de ensino.

No que tange os processos metodológicos deste trabalho, foi construída uma revisão bibliográfica afim de tecermos algumas discussões sobre como a pandemia de COVID-19 tem impactado a educação geográfica. A revisão bibliográfica “busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas” conforme nos aponta Boccato (2006, p266). Por essa razão, a revisão bibliográfica será nossa maior fonte de dados e informações para construir os conhecimentos referentes aos desafios que a pandemia trouxe para o ensino de Geografia, principalmente, nos anos finais do Ensino Médio.

Quanto ao tipo de pesquisa que fizemos, foi a qualitativa, pois:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p 21-22).

Fizemos uma pesquisa de campo, junto aos professores e alunos dos municípios da 2ª Regional de Ensino, utilizamos formulários semiestruturados do *Google Forms* aplicados entre os meses de abril e maio de 2022 com 30 alunos e 4 professores, a fim de agregar relevância as práxis da nossa discussão. Para Severino (2007, p 123) “na pesquisa de campo o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio.”

Na pesquisa de campo, utilizamos questionários semiestruturados que foram aplicados com os estudantes do Ensino Médio e os professores, mais precisamente de escolas públicas. Batista, Matos e Nascimento (2017) descreveram bem como o questionário serve ao propósito de uma pesquisa qualitativa e como ela pode atender as necessidades de suscitar as informações necessárias para construir um estudo científico.

Os sujeitos da pesquisa foram os professores e os alunos concluintes do Ensino Médio, por meio deles que desenvolvemos essa análise dos impactos da pandemia de COVID-19 na Educação Geográfica concentrando nossos esforços na pessoa do aluno e do professor, sujeitos essenciais a construção dos saberes em qualquer âmbito educacional.

Quanto ao método o materialismo histórico dialético criado por Karl Marx é um dos mais pertinentes às ciências humanas conforme afirma Pires (1997). Por este motivo, é que recorremos a ele para traçar os caminhos que esta pesquisa terá que percorrer. A dialética que vem do ato de discutir, busca explicar os fenômenos e a sociedade através do diálogo. O materialismo histórico visa interpretar as mudanças sociais levando em conta todo o contexto histórico. O método materialista histórico e dialético pode ser entendido como a junção destas partes. Portanto, objetiva explicar certo fenômeno, levando em conta o contexto histórico e demais fatores que devem ser considerados para o bom entendimento da problemática em questão.

Para tanto, buscamos compreender os impactos do ensino remoto emergencial e híbrido que, em um primeiro momento, distanciou os alunos do convívio escolar, uma vez que, consideramos a educação como práxis humana e emancipatória. É destacar os limites e as possibilidades da construção do ensino e aprendizagem de Geografia, durante a pandemia, para os estudantes e professores do Ensino Médio e identificar as formas de acesso diante do ensino remoto para os estudantes, levando em consideração os processos de efetivação de ensino e aprendizagem. Em face ao exposto, com esse estudo estimulamos a construção de uma prática reflexiva, necessária para pensarmos os caminhos e possibilidades do ensino de Geografia e de uma Educação Geográfica neste momento atual.

2 ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA, ENTRE LIMITES E POSSIBILIDADES: UM RECORTE DIDÁTICO DOS IMPACTOS DA COVID-19

No primeiro trimestre do ano de 2020 o mundo inteiro se viu mergulhado na maior (em termos de contágio) doença infectocontagiosa que atingiu a humanidade, o vírus SARS-CoV-2 que se espalhou pela maioria dos países do mundo e iniciou seu legado de mortes. O nome dado à essa doença foi COVID-19, que logo atingiu o status de pandemia. Sobre a COVID-19 o Ministério da Saúde (2020) nos diz que a própria OMS (Organização Mundial De Saúde), em 30 de janeiro, já caracterizava a doença causada pelo novo coronavírus como uma emergência de saúde pública de importância internacional e posteriormente, em 11 de março de 2020, o mesmo órgão internacional considerou a COVID-19 como uma pandemia.

Diante do presente momento, a humanidade como um todo passou a adotar inúmeras medidas, que foram tomadas para barrar o avanço do vírus, uma das mais efetivas foi/é o isolamento social. No Brasil, várias medidas foram adotadas com o intuito de isolar a população e evitar a transmissão do vírus, dentre elas: a suspensão das aulas presenciais em universidades e escolas em maio de 2020, regulamentada pelo decreto estadual da Paraíba de nº 40.188, seguindo após a efetivação do decreto e até setembro de 2021 o formato de aulas remotas na rede estadual da Paraíba.

No segundo semestre de 2021 as primeiras doses de vacinas (e de esperança) começaram a chegar em quantidades consideráveis no Brasil e para as pessoas em idade de estarem na educação básica. Na Paraíba, conforme noticiado pelo G1 PB (2021), chegaram apenas em dezembro do referido ano mais de 97 mil doses de vacina contra COVID-19, o que garante uma maior proteção de professores e alunos, e justifica a implementação das aulas híbridas no estado.

Se no ano de 2020 o ensino remoto era nossa maior alternativa ante a parada completa da educação no país, em 2021 com o avanço da vacinação no Brasil nos foi proporcionado um contato parcial com o alunado, ou seja, em uma fração do tempo integral poderíamos estar em sala de aula, alunos e professores, mediante várias restrições e cuidados, juntos de novo através do ensino híbrido. Diante de alguns avanços como este a rotina da sociedade brasileira buscou se adaptar novamente, visto que, parcelas da população começaram a ser imunizadas. Na educação não foi diferente, começava então a aplicação em massa de uma forma híbrida de ensino, mesclando aspectos do ensino remoto com encontros programados e dentro das diretrizes de saúde pública.

O ensino híbrido é uma grande tendência da educação no século XXI. Essa nova metodologia tem por objetivo aliar métodos de aprendizado online e presencial na rotina dos estudantes. Segundo Machado, Lupepso e Jungbluth (2017) o ensino híbrido pode ser compreendido como uma abordagem que mescla o aprendizado presencial com o aprendizado à distância apresentando uma variedade de métodos e estratégias de ensino e aprendizagem que contribuem, fortemente, para estimular o aprendizado dos alunos.

Por isso na educação híbrida, que não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas também nos múltiplos espaços da informação, graças aos meios digitais, que o professor precisa, os quais, conforme aponta Siqueira (2021) seguir comunicando-se a todo instante com os alunos, usando das tecnologias para equilibrar a interação com todos e com cada um.

Essa mescla, entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental para abrir a escola para o mundo que se adapta, e para trazer este mesmo mundo para dentro da escola.

Na teoria deveria ter gerado um sistema que funcionaria, aulas online e encontros semanais programados de acordo com um plano pré-estabelecido. Na prática os desafios se apresentaram de forma muito incisiva. As aulas online já eram uma realidade que, graças a desigualdade social, não alcançava todo o alunado. E as aulas presenciais esbarram nas limitações estruturais das escolas em questão, o que levanta dúvidas como: há material esterilizante suficiente para cumprir as normas de higienização? As salas tem o espaço necessário para que os alunos estejam em uma distância segura? Os alunos cumprirão os protocolos exigidos na escola? Conseguiram ficar relativamente distantes de seus amigos que não viam a tanto tempo?

Oliveira, Silva e Carvalho (2021, p 12) destacam que

Se considerarmos as condições materiais de escolas, estudantes e professores, sobretudo da escola pública, é notório que depois de um ano de pandemia as escolas não foram preparadas para esse tipo de ensino, nem no que se refere à adequação de espaços, acesso a equipamentos de informática e de conexão à internet.

A pandemia causada pelo vírus do novo coronavírus provocou alterações que impactaram em toda a educação presencial. A nova realidade atual exige de cada um, professores e alunos, uma postura ainda mais dedicada à aprendizagem, para que possamos minimizar este grande impacto sobre o processo de ensino como descrito pelo Ministério da Educação (2020, p 2):

Na educação, o efeito tempestivo da suspensão das aulas fez com que professores e alunos tivessem que se ajustar rapidamente às novas formas de ensinar e aprender. Nesse contexto, o uso das tecnologias e as aulas remotas emergiram como alternativas para dar seguimento às atividades escolares.

O contexto educacional durante o momento de pandemia (nos anos de 2020 e 2021) precisou ser ajustado a uma nova realidade, vivenciada por um ensino não presencial. Com isso recorreu-se ao uso em massa das tecnologias digitais para firmar as relações educativas e os processos de ensino aprendizagem. A partir desse momento, ocorreu a implementação do ensino remoto emergencial nos sistemas escolares do Brasil. E percebemos que:

O ensino remoto tem deixado suas marcas... Para o bem e para o mal. Para o bem porque, em muitos casos, permite encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares emergem em alguns espaços, rotinas de estudo e encontros com a turma são garantidos no contexto da pandemia. Para o mal porque repetem modelos massivos e subutilizam os potenciais da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão física e mental de professores e alunos. Adoecimentos físicos e mentais já são relatados em rede. Além de causar traumas e reatividade a qualquer educação mediada por tecnologias. (SANTOS, 2020, p 18)

Assim sendo, percebemos que existem prós e contras nesta nova modalidade de ensino. Por um lado temos o avanço da tecnologia, novas formas de ensinar e de aprender, e ainda a possibilidade de seguir conectando professores e alunos mesmos em períodos de isolamento social. Por outro lado temos também as dificuldades de acesso, a sobrecarga de trabalho que os professores tem sofrido, e a necessidade de reinventar o modo de ensinar para as aulas remotas e híbridas.

Para tanto, é possível destacar a heterogeneidade de situações de acesso e desenvolvimento do ensino de alguns estudantes junto ao ensino remoto, principalmente os da rede pública, lugar onde os alunos enfrentam problemas estruturais como: falta de material escolar, de merenda, e às vezes até de professores especializados em suas áreas de atuação. Durante o ensino remoto emergencial outra carência que surge para dificultar o processo de ensino aprendizagem é a falta de acesso à internet e de aparelhos para o acesso ao ensino digital.

Neste sentido, cabe uma diferenciação sobre o ensino a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial. Conforme aponta Costa (2016), a EAD é uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, mediante diferentes suportes de informação e veiculados pelos diversos meios de comunicação, ou seja, é uma forma de educação pensada e estruturada para ser executada a distância, diferentemente do ensino remoto emergencial adotado forçadamente graças a COVID-19. Já o ensino remoto nos moldes que observamos hoje, é o resultado da implementação forçada que em muitos casos erroneamente buscou fazer uma transposição pedagógica do ensino presencial para o digital, em prol da continuidade dos processos educativos durante a pandemia.

Em contrapartida a tudo isto, quando nos referimos as dificuldades de aprendizagem e limitações estruturais que a pandemia nos trouxe podemos fazer uso dos questionamentos de Souza (2020, p 3) para pensarmos melhor essa realidade:

Como manter os vínculos com os alunos sem estar no mesmo espaço físico? Como utilizar as tecnologias da informação e comunicação (TIC) para aprender e ensinar? Como utilizar estas tecnologias digitais em rede na educação em um país tão desigual quando o assunto é acesso à internet e conexão de qualidade? Estas são perguntas que nos inquietam[...].

Com essa finalidade, tais questionamentos surgem nos escritos de autores preocupados com a educação brasileira neste momento singular: Garcia *et al* (2020), Martins e Almeida (2020), Santos (2020), Menezes (2021). Para além desses estudos tomamos também como base alguns escritos de Freire (1996), Castellar (2010), Cavalcanti (2014), Callai (2018), Deon (2020), e alguns que estão consolidados na discussão de questões educacionais.

Assim sendo, existe uma preocupação para que não ocorra no ensino, seja remoto ou no híbrido, uma simples transmissão de conhecimentos, uma mecanização do ensino. Nas palavras de Freire (1996) podemos entender que ser professor exige rigorosidade metódica já que não se trata apenas de ensinar conteúdos como um mero repassador de informação poderia fazer, mas sim ser um construtor de saberes no ambiente escolar.

Afim de evitar essa mecanização, alguns cuidados podem ser tomados quando falamos de ensino, especialmente o remoto: abordagens dinâmicas, uso de mais de uma ferramenta/plataforma digital, atenção para não tornar o processo de ensino aprendizagem mecânico e repetitivo, e muitos outros. Todos esses cuidados incidem sobre o professor, especialmente, quando a este é incumbida a tarefa para a qual ele não foi previamente preparado e dotado do aparato tecnológico necessário.

Mesmo diante deste cenário difícil na educação brasileira, extenuante e por vezes disseminador a importante função do professor não mudou, é o professor que faz mediação entre o saber e o aluno, desse modo devemos lembrar que nenhuma ferramenta pode substituir o profissional que vai usa-la, desse modo:

A profissão docente comporta um conhecimento pedagógico específico, um compromisso ético e moral e a necessidade de dividir a responsabilidade com outros agentes sociais, já que exerce influência sobre outros seres humanos e, portanto, não pode nem deve ser uma profissão meramente técnica de “especialistas infalíveis” que transmitem unicamente conhecimentos acadêmicos. (IMBERNÓN, 2010, p 35)

Todavia não só de dificuldades se constituiu o ensino remoto, após a adaptação forçada, podemos perceber que algumas vantagens começaram a se mostrar possíveis diante dessa nova modalidade. Precisamos, portanto, tirar o melhor do pior. É verdade que a pandemia nos trouxe danos irreparáveis, em termos de vidas humanas e também perdas na

educação como um todo, porém algo deve ser aprendido sobre esse momento ímpar, devemos explorar as possibilidades.

Assim sendo, cabe lembrar que:

[...] com o avanço da tecnologia, a escola é chamada a desenvolver competências e habilidades necessárias à reprodução do capital, havendo apenas lugar para aqueles que desenvolvem as qualidades técnicas necessárias ao mercado. Neste sentido, as tecnologias ocupam um importante papel no processo de ensino/aprendizado uma vez que auxilia a escola e os profissionais que dela fazem parte, desenvolver estratégias adequadas para o ensino. (BAPTISTA, 2020, p 3).

Dessa forma, Almeida e Silva (2021) também discutem os desafios contemporâneos para o ensino de Geografia e elencando partes dos desafios que o ensino remoto trouxe, e diante disso as autoras propõem a reflexividade, resistência e uma boa formação como principais armas efetivas para lidar com os processos educativos que decorreram na pandemia.

Além disso, é necessário discutirmos o acesso que o alunado tem tido durante o ensino emergencial remoto, principalmente, os da rede pública no Ensino Médio. Ora, o acesso é o primeiro passo e aprendizagem é a consumação dos esforços combinados de professores e alunos diante das tentativas de efetivar o ensino remoto e híbrido neste novo desafio de ensinar remotamente. Para tanto, abordamos os meios de acesso que os alunos dispõem para participar das aulas, que agora acontecem por meios das plataformas digitais, como *Google Meete*, *Classrom* por exemplo, sendo as mais utilizadas na educação.

2.1 O ACESSO AS TDIC'S PARA A PARTICIPAÇÃO DAS AULAS DURANTE A PANDEMIA

As TDIC'S podem ser definidas, segundo Santos (2021), como todos os dispositivos desenvolvidos cujo objetivo consiste na obtenção, armazenamento e processamento de informações estabelecendo assim uma comunicação e possibilitando também que as informações sejam difundidas entre as pessoas. Diante dessa importância, a própria BNCC ressalta o uso dessas tecnologias em sua quinta competência.

[...] 5 - Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e

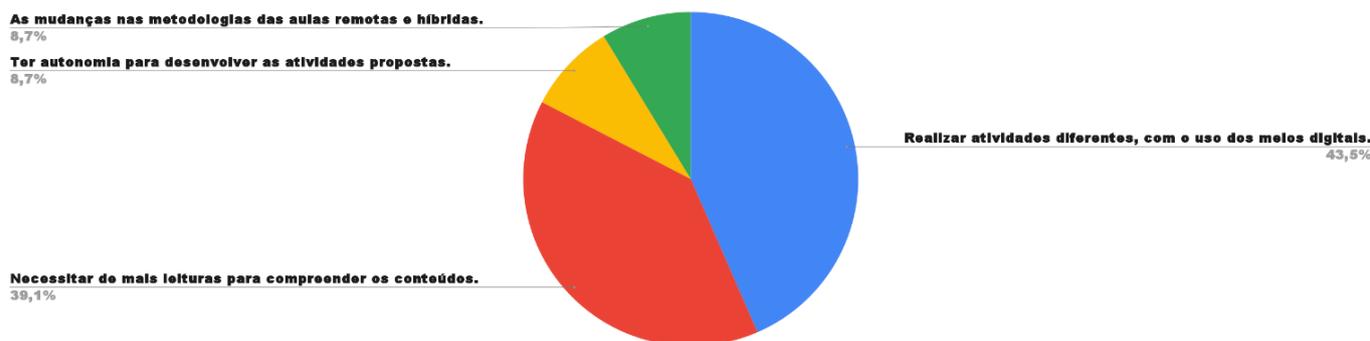
exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva [...] (BNCC, 2018).

No ensino remoto emergencial, as TDIC'S se fizeram ainda mais presentes, ligando professores e alunos por meio das plataformas digitais, graças a pandemia que ainda enfrentamos no primeiro semestre de 2022, apesar de serem a única forma de dar continuidade ao processo de ensino aprendizagem, essas tecnologias foram implantadas de forma abrupta e sem um devido preparo dos profissionais da educação.

Autores como Garcia (2013), e Rischbieter (2009) colaboram com a ideia de que o uso destas tecnologias é fundamental aos processos educativos e podem contribuir fortemente para a aprendizagem dos alunos. Infelizmente muitos estudantes não possuem um celular ou qualquer outro aparelho para acessar a aulas, e dependem, exclusivamente, de materiais impressos disponibilizados pela própria escola para poderem ter algum contato com os conteúdos abordados nas aulas online, o que obviamente os coloca em uma posição de desvantagem em relação aos colegas que possuem tais recursos, especialmente se levarmos em conta que os concluintes do Ensino Médio prestaram o ENEM.

Ao aplicarmos um questionário com os estudantes das escolas de Guarabira-PB (EEEF Antenor Navarro) e Sertãozinho-PB (ECI João de Freitas Mouzinho), nos questionamos se houveram contribuições do ensino emergencial para as aulas de Geografia e os alunos relataram o que, na aprendizagem em Geografia, foi mais significativo durante a pandemia para eles e um resultado expressivo foi a novidade do uso de plataformas digitais, vejamos abaixo:

Figura 1: Elementos mais significativos nas aulas de Geografia, durante a pandemia.



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

Diante dos dados apresentados o pensamento de Siqueira (2021) de que com o advento da internet temos a possibilidade de aprender, em qualquer lugar, e a qualquer momento, com inúmeras pessoas diferente ao mesmo tempo. Isso é muito complexo e, é extremamente

necessário atualmente, e podemos perceber que com gradual introdução destas tecnologias digitais

Na educação, o processo de criação poderá fazer surgir novos modelos de ensino e práticas pedagógicas. Percebe-se que a inovação na educação requer que além do uso de ferramentas tecnológicas, sejam criadas novas formas de educar, onde o principal objetivo deverá ser o de contribuir com o crescimento intelectual dos alunos. (NASCIMENTO E SILVA, 2020, p 4).

Diante disso, “as tecnologias ocupam um importante papel no processo de ensino/aprendizado uma vez que auxilia a escola e os profissionais que dela fazem parte, a desenvolver estratégias adequadas para o ensino” como bem pontua Baptista (2020, p 3). Agora, vamos aos poucos percebendo que o aprendizado precisa ser direcionado para o uso de ferramentas tecnológicas atuais para acontecer de forma satisfatória e progressiva.

Acerca disto, Guerra, Gomes e Ribeiro (2020) ressaltam que a evolução da tecnologia é um tema em alta nos últimos anos, e que não se pode negar que as inovações tecnológicas atingiram vários segmentos da sociedade moderna principalmente a educação trazendo novidades no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Gadotti (2001, p 13):

As novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa pois podem, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar «fora» – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento.

O uso das tecnologias digitais pode ajudar a dinamizar a prática exercida em sala pelo professor, tendo em vista que a mesma oferece uma gama de opções para ser trabalhada em sala de aula, como por exemplo: uso da *internet*, dos *Smartphones*, *tablets* e *softwares* computacionais cuja finalidade é disponibilizar programas de cunho educativo. Cada vez mais estas tecnologias invadem as salas de aula, e se tornam importantes ferramentas didáticas, proporcionando um aprendizado diferenciado, avistado, a partir da inovação nos métodos pedagógicos usados pelos professores.

Com o atual nível de desenvolvimento dos meios de comunicação, com as redes interativas de computadores, vídeos e áudios e muitas outras novas plataformas de ensino, é possível um diálogo mais ágil e particular com o professor, visando um aprendizado nunca visto antes. Com o desenvolvimento das tecnologias advindas da *internet* e seu acesso as

mesmas, o aluno tornou-se cada vez mais autônomo e independente sem ficar limitado pelas restrições de tempo e espaço.

Apesar das inúmeras possibilidades que a tecnologia trouxe, devemos nos atentar ao que ressalta Barbosa (2021, p 23) de que os desafios pertinentes ao:

[...] ensino remoto, vai desde a falta de universalização de acesso aos recursos tecnológicos, até a falta de proximidade de alguns docentes, que se formaram há alguns anos atrás e não tiveram formação continuada com a apropriação pedagógica nas TDIC, como também o desgaste emocional e mental para ministrar as aulas remotas, muitos professores se encontram com o psicológico abalado, e exaustos com essa prática pedagógica.

Assim sendo, diante das possibilidades advindas das tecnologias informacionais e do cenário caótico, no qual, a pandemia nos colocou, cabe pensarmos acerca do agir do docente de Geografia, dentro da construção dos processos de ensino aprendizagem que cabem a esta disciplina. Uma vez que é o professor que vai mediar e guiar o processo de acesso a sites, plataformas, programas e aplicativos (*app's*), o mesmo se torna também figura central desta construção que se estabelece na educação.

Vale lembrar que com estas tecnologias digitais:

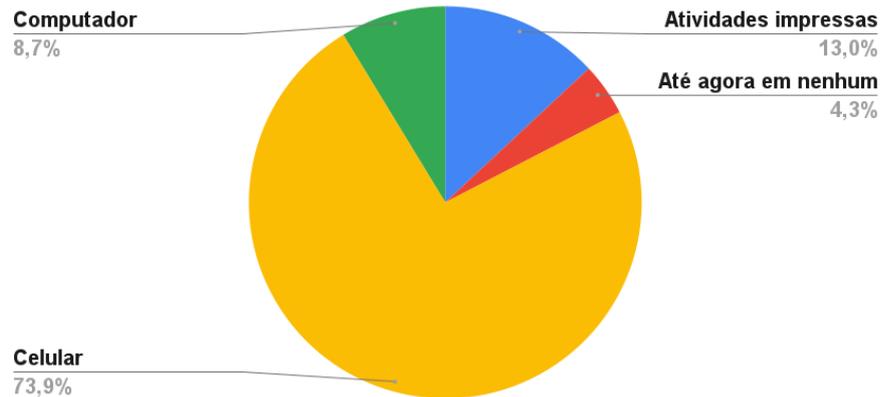
O professor ganha novas formas de ensinar chamando a atenção de seus alunos para as informações a serem recebidas. Fazendo com que o professor saiba utilizar as possibilidades disponíveis. Dos laptops mais baratos aos telefones que fazem de tudo, surgem instrumentos, cada vez mais ao nosso alcance, que abrem perspectivas para a pesquisa, o transporte e consumo de bens culturais, a troca de mensagens e para atividade de autoria de todos os tipos. Resta saber se a escola saberá explorar essas possibilidades (RISCHBIETER, 2009, p 56).

Muitos alunos fazem uso do celular para estarem presentes nas salas de aulas virtuais, ainda que possa parecer irônico, é o aparelho que tanto foi alvo de críticas nas escolas que permite a interação professor/aluno, o que nos mostra que o bom uso das tecnologias digitais não é apenas bom, mas sim necessário ao sistema educativo atual como um todo. Neste sentido Alves et al (2017, p 10) aponta que “As tecnologias, nesse sentido, são compreendidas como instrumentos culturais simbólicos que permitem que os estudantes sejam coautores no processo dinâmico de relações que envolvem o ensino e a aprendizagem”.

A pesquisa realizada com os alunos demonstrou que o celular, é o principal meio para participar das aulas. O celular, na maioria das vezes, é o item mais acessível e, portanto é o que mais representa o acesso dos alunos as aulas de Geografia. Em nossa pesquisa

demonstramos que uso dos celulares representa o meio de acesso com cerca de 73% dos estudantes entrevistados. Esse dado se justifica pelo fato dos estudantes estarem em uma classe social mais vulnerável o que faz com que precisem recorrer a meios mais acessíveis, que em caso de grandes famílias pode até mesmo compartilhar o uso desta ferramenta. Observe o gráfico abaixo:

Figura 2: Recursos dos alunos para acessar as aulas remotas.

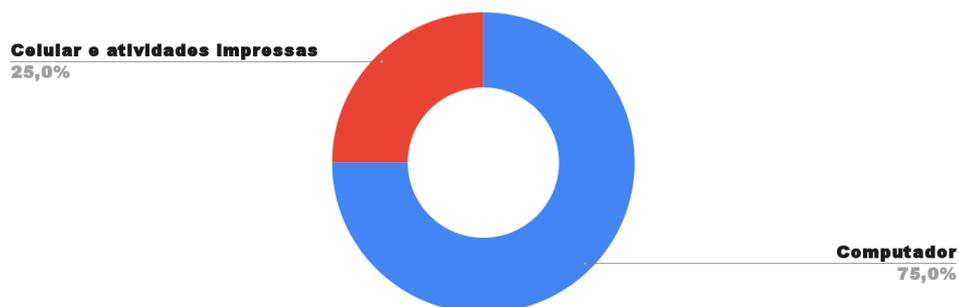


Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

Observamos inúmeras ausências de meios tecnológicos disponíveis aos alunos sejam itens pessoais ou os que deveriam estar presentes nas escolas. Essas carências chegam as aulas de Geografia como falta de Data Shows, de mapas, de globos terrestres, aparelhos de GPS, de custeamento para viagens, que possam promover uma aprendizagem empírica, de instrumentos que permitam testes de solos, da aquisição de rochas para observação e experimentos, etc.

Já entre os professores, além do celular há também o uso de computadores, para lecionar. Entre os mestres o uso desta ferramenta mais complexa ocorre com mais frequência do que entre os alunos. Somando computadores e celulares estes dois itens são as principais ferramentas de trabalho dos mestres durante o período remoto e híbrido da educação paraibana, observe o gráfico abaixo:

Figura 3: Recursos dos professores para lecionar remotamente.



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

Nestes tempos de uso em massa dos meios informacionais ferramentas como celulares, notebooks ou computadores começaram a adentrar nos processos educativos de forma bastante notável. E, portanto, como bem destaca Garcia (2013, p 31):

A utilização das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem institui um fator de inovação pedagógica, possibilitando novas modalidades de trabalho na escola, devendo esta acompanhar as transformações sociais. A escola precisa se tornar mais atraente, estreitando a linha que a divide do mundo externo, no qual o aluno vai absorver grande parte das informações. A escola precisa transformar-se de simples transmissora de conhecimentos em organizadora de aprendizagens [...]

Ora, agora que os alunos e os professores estão, em certa medida, imersos nesta nova dinâmica das tecnologias digitais podemos pensar no aprendizado que acontece diante do uso massivo destas ferramentas. Um uso que na grande maioria das vezes não é igualitário, visto a desigualdade socioeconômica presente em um país em desenvolvimento como é o caso do Brasil.

Para alunos e professores as aulas durante a pandemia foram e são uma tarefa cansativa e por vezes mecanizada, graças a práticas tradicionais que se perpetuam na educação brasileira até hoje, prova disto é que apesar de não ser novidade, nenhum dos professores entrevistados havia tido contato com plataformas como: *Google Classroom*, *Google Meet*, *Zoom*, etc. antes da pandemia.

Mugnol (2009) ressalta que os avanços tecnológicos tornaram mais visíveis as possibilidades de desenvolvimento de outras atividades de ensino e aprendizagem, o que favoreceu enormemente a criação de novas metodologias de ensino na educação básica. Ainda que durante a pandemia, e graças a desigualdade social, a falta de estrutura tecnológica e treinamento dos profissionais da educação tenham ofuscado essas possibilidades. Entretanto, graças a essa evolução tecnológica novas formas de ensinar e aprender vão, aos poucos, se consolidando e ganhando espaço em relação as formas mais tradicionais de educar.

Os professores participantes da pesquisa demonstraram reconhecer a importância do uso dessas tecnologias para educar. Quando questionados se é possível aproveitar algo do ensino remoto e/ou híbrido para as futuras aulas de Geografia todos responderam que acreditam na possibilidade de usar as novas tecnologias para as futuras aulas da disciplina. Os mestres acrescentaram ainda que: “As tecnologias também invadiram as aulas presenciais, trazendo inovações ao ensino-aprendizagem” e que “a tecnologia será uma aliada muito mais presente”.

Nascimento e Silva (2020) discutem esse processo e a fundamental importância do uso destas tecnologias para romper com o tradicional método de ensino. Portanto ressaltamos que, conforme têm apontado os referidos autores, percebemos que para além da introdução destas novas ferramentas digitais na educação, o processo de criação fará surgir novas e desconhecidas práticas de ensino e aprendizagem.

Desse modo a reflexão proposta por Santos (2021, p 3), é essencial para pensarmos sobre como lidar com o momento atual que vivemos:

Um dos maiores desafios desse Ensino Remoto Emergencial (ERE) recai sobre os docentes. Como adaptar os conteúdos, as dinâmicas de sala, as aulas expositivas e as avaliações – sem prejudicar o processo de aprendizagem? Como manter os discentes interessados e engajados? A tarefa é ainda mais complexa para aqueles que atuam em áreas distantes da tecnologia.

Durante o isolamento social, os alunos têm que aprender com uma certa “motivação interna” pois estão longe de seus mestres, e os mesmo não tem mais o contato social que tinham no passado recente. Estes fatores alteram fortemente os padrões de aprendizagem que conhecíamos e que estavam pré-estabelecidos em sala de aula durante o ensino regular, agora mais do que nunca é preciso um forte intenso exercício de reflexão para que este momento seja compreendido.

O encurtamento das distâncias físicas entre docentes e alunos, as comunicações com o uso das mídias digitais, são inovações oriundas deste novo momento, que se constituem num desafio enorme para as instituições de ensino, uma vez que, exigem altos investimentos em tecnologia e uma mudança no parâmetro de um modelo pedagógico presencial, visto que, antes professores e alunos compartilhavam de um mesmo tempo e espaço para exercerem suas funções.

Efetivamente a ausência destes investimentos em tecnologia nas escolas causa uma enorme defasagem em relação aos que podem dispor destas ferramentas. A tecnologia se faz essencial na educação do mundo inteiro, mas no Brasil, infelizmente, ela se faz ausente na maior parte das localidades. Em consonância com essa realidade, apresentamos os dados da PNAD (IBGE, 2018), no qual afirma que 20,9% dos domicílios brasileiros não têm acesso à internet, isso significa cerca de 15 milhões de lares ou cerca de um quinto das habitações do nosso país.

Estas adversidades educacionais como: falta de acesso à internet, falta de material didático para professores, estruturas precárias e outras deste tipo, têm feito do trabalho

docente uma tarefa ainda mais desgastante, do que a mediação entre os alunos e o conteúdo que cabe ao professor executar. Desse modo, fica evidente que mesmo diante das tentativas de efetivar o ensino remoto, educar é um processo amplo e infindável.

A cerca disso Matos, Simplício e Ribeiro (2021, p 2) ressaltam muito bem que:

Não há dúvidas que o cotidiano escolar mudou, assim como outros setores da sociedade, no entanto, ao analisar a educação nesse cenário, é preciso pensar estratégias que minimizem as limitações tecnológicas de milhares de estudantes, bem como as inúmeras desigualdades de acesso aos meios digitais, além de ser relevante pensar a prática docente, a fim de que o professor seja capaz de reinventar-se do ponto de vista didático, objetivando espaços de aprendizagem e construção de conhecimento.

Decerto, temos consciência de que existem lacunas junto aos processos de ensino e aprendizagem, seja no ensino presencial e agora ainda mais no remoto. Visto o agravamento de problemas que já faziam parte da educação brasileira como evasão escolar, acesso à internet, uso de computadores em número adequado aos estudantes e domínio das tecnologias digitais por parte de professores, precisamos mais do que nunca nos reinventar diante do atual cenário educativo do Brasil, para somente por meio de novos caminhos e abordagens contornar esses desafios que vem assolando a educação em nível nacional.

Em tempos de pandemia computadores, celulares, e tablets se tornaram verdadeiros “portais” que podem levar o alunado para um ambiente de ensino e construção de conhecimentos que são essenciais a sua formação, enquanto cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. O que pretendemos destacar é a importância destas ferramentas tecnológicas durante o momento pandêmico, mas também após ele. Martins e Almeida destacam o uso dessas ditas ferramentas e suas aspirações para um momento posterior a esse caos sanitário que vivemos hoje.

Que as tecnologias utilizadas sejam interfaces de construções conjuntas, de formas síncronas e assíncronas, potencializando os debates, o pensamento crítico, a criatividade, o fazer em conjunto, as reflexões a respeito da experiência social imposta pela pandemia, a comunicação efetiva e amorosa, o currículo integrado com a realidade dos estudantes, atos de currículo multidisciplinares que reúnam professores, projetos que possam ser realizados para encontrar soluções para problemas contemporâneos e tantas outras discussões necessárias para uma educação de qualidade e que se tornam essenciais à formação do cidadão pronto para lidar com o novo mundo que está por vir. Ao menos é isso que desejamos para o período pós-pandemia: que haja transformação. Um mundo que esperamos ser diferente do atual. Não desejamos voltar ao normal. Desejamos a

transformação, mas para melhor. Vamos esperar! (MARTINS E ALMEIDA 2020, p 223)

Portanto, o que esperamos é enxergar as tecnologias como aliadas ao invés de ferramentas de uso obrigatório. É um fato que a pandemia de COVID-19 acelerou a introdução destas tecnologias no processo educativo de forma inesperada, e, portanto, tentar compreender as novas formas de aprendizado se faz essencial neste momento ímpar para professores e alunos. Além deste desafio de entender as novas formas de ensinar e aprender, precisamos estar prontos para aderir a estas e outras possíveis mudanças da educação nacional.

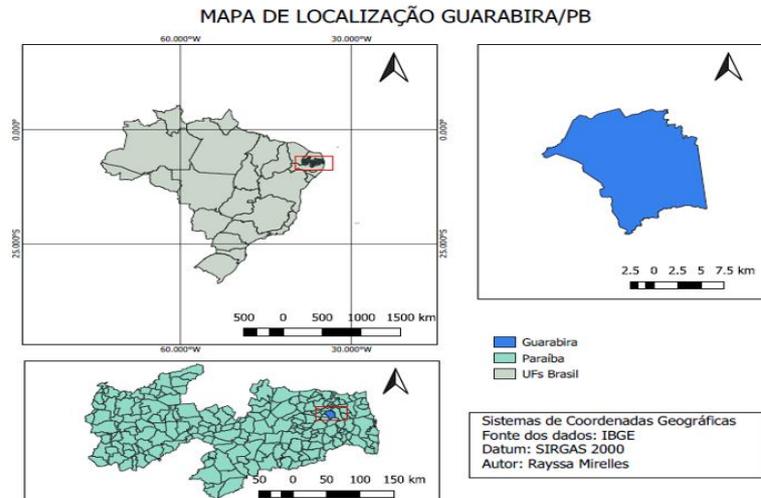
3 CONSTRUÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM, EM GEOGRAFIA, DIANTE DOS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19

A aprendizagem deve ser sempre significativa e dotada de propósito, nas palavras de Castellar& Vilhena (2010) a aprendizagem deve se contrapor a uma abordagem repetitiva baseada na memorização através de atividades que visam apenas à apreensão das informações, especialmente, quando nos referimos a Geografia, haja vista sua importância na construção da criticidade do indivíduo que é fundamental para uma participação efetiva do indivíduo em sociedade.

Por esse motivo buscamos entender como se tem dado o ensino de Geografia nas escolas da 2ª Regional de Ensino da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba nas cidades de Guarabira (Escola Estadual Ensino Fundamental Antenor Navarro) e Sertãozinho (Escola Cidadã Integral João de Freitas Mouzinho), respectivamente.

A cidade de Guarabira localizada no Estado da Paraíba tem uma população de cerca de 55.326 habitantes segundo o último censo do IBGE (2010), é uma cidade de médio porte em termos gerais, porém é considerada uma cidade polo da microrregião devido a sua importância e interação comercial com a região do brejo paraibano. Como cidade polo concentrando uma maior população que as demais cidades próximas, possui um maior fluxo de pessoas e, portanto possui mais escolas realçando contrastes educacionais presentes em nosso país, com escolas um pouco mais estruturadas e outras com menos estrutura física e digital. Porém ainda sim, não podemos dizer que a cidade consegue atender todas as demandas educacionais para seus alunos.

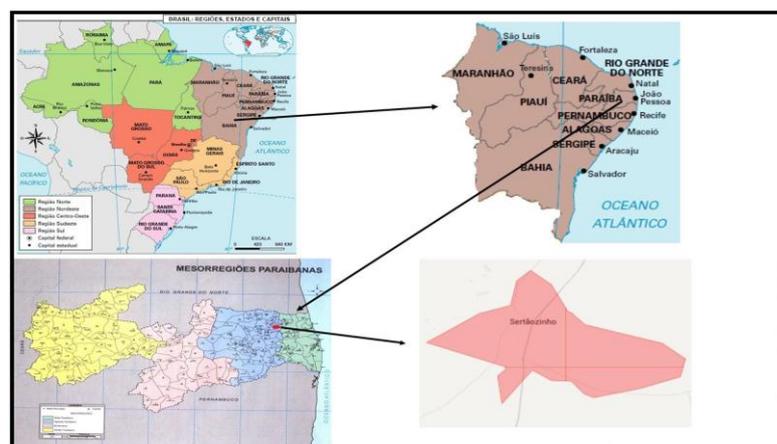
Figura 4: Localização da cidade de Guarabira-PB



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE. Org. BARBOSA, Rayssa Mirelles da Silva, 2021.

A cidade de Sertãozinho localizada na microrregião de Guarabira, no Estado da Paraíba tem uma população de cerca de 5.152 habitantes segundo o último censo do IBGE (2010), é uma cidade de pequeno porte com uma economia em sua maioria rural e em pequena parte da indústria de avicultura. A cidade possui segundo Araújo (2014) apenas 12 escolas, municipais e estaduais, que ofertam do ensino fundamental I até o ensino médio e são escolas pequenas com pouca estrutura. Sertãozinho como uma cidade pequena possui pouca infraestrutura inclusive quando nos referimos a educação, pouco aparato tecnológico e técnico é, até então, um desafio considerável frente a construção da educação sertãozinhense.

Figura 5: Localização da cidade de Sertãozinho-PB



Fonte: Atlas Geográfico Escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Adaptado por: Araújo, 2014.

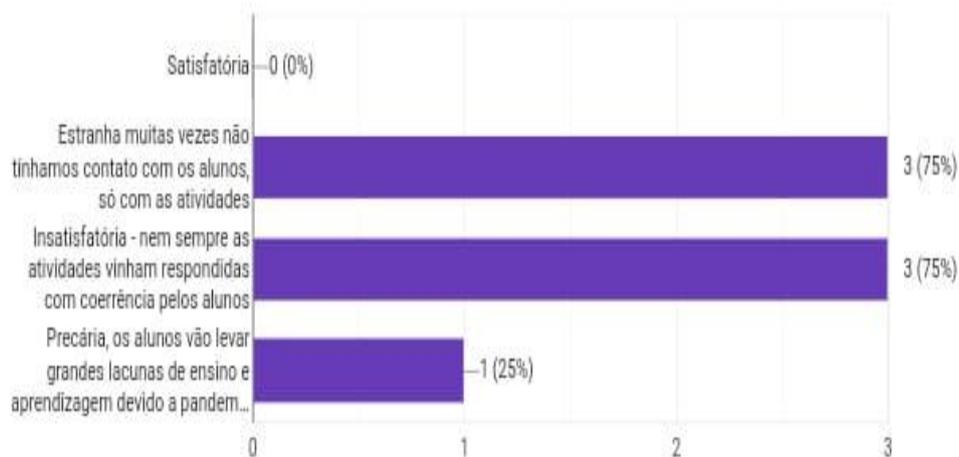
Mediante formulários do *Google Forms* elaboramos uma pesquisa de campo onde coletamos dados de alunos e professores a fim de conhecer deles a perspectiva real do que presenciaram durante a pandemia. E nela percebemos que os alunos afastados do convívio

social escolar, muitas vezes sem acesso as tecnologias que os levariam as aulas online sofrem, e de tal modo o professor, desgastado pelo excesso de trabalho e com saudade do contato com seus alunos, esperando momentos mais felizes em seu trabalho.

O professor, nesta situação, ainda é um profissional, e pode continuar a executar suas funções como tal, entretanto como bem destaca Rodrigues (2009) para além da profissionalidade o docente também é constituído mediante sua personalidade. E isso levanta questões pertinentes dentro da problemática que discutimos: os profissionais da educação ainda se veem e são vistos como pessoas em um ensino pautado em um contato online? Os alunos enxergam pessoas ou programas/plataformas de avaliação? Como se desenvolvem as relações aluno/professor em tempos de pandemia? Devemos refletir sobre estas questões para pensarmos as relações entre alunos e professores durante esse momento único da educação brasileira.

A pesquisa realizada com os professores de duas escolas estaduais mostrou que a relação professor/aluno foi dificultada pelo isolamento resultante da pandemia. Nenhum dos professores entrevistados classificou a relação com o alunado como satisfatória, 75% dos entrevistados classificaram o momento de ensino na pandemia como insatisfatório ou mesmo estranho, vejamos abaixo:

Figura 6: Relação entre alunos e professores durante o ensino na pandemia, segundo os professores.



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

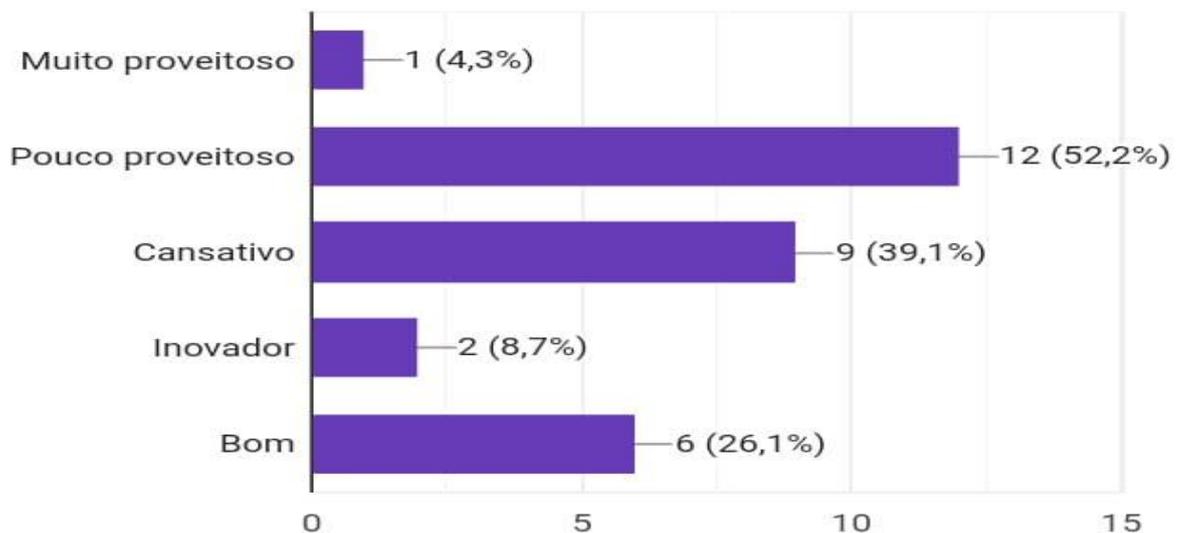
Além disso cabe ressaltar que, conforme afirmam Goldani, Togatlian e Costa (2010, p 13), “A aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está

impregnada de afetividade”. Assim sendo, percebemos que quando há um cuidado, uma afetividade e uma boa relação com o aluno tendemos a conseguir uma maior chance de fazê-lo aprender os conteúdos desejados. Em resumo, um aluno acolhido, amado e cuidado aprende e desenvolve-se melhor, principalmente, em um contexto de ensino remoto.

A relação entre professores e alunos é um dos pontos mais fundamentais e importantes desde os primeiros anos da Educação Básica até os últimos níveis educacionais superiores. É imprescindível a todo o processo de ensino-aprendizagem que os sujeitos envolvidos cooperem entre si. Uma boa relação entre professores e alunos é, além de boa, necessária. Libâneo (1994) destaca que o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, além disso ele ouve os alunos, lhes dá atenção, e cuida para que eles aprendam a se expressar e a expor suas opiniões como indivíduos próprios que são.

Em nossa pesquisa percebemos que essa relação difícil trouxe prejuízos aos alunos, pois quando questionados como foi realizar as aulas de forma remota e híbrida 52,2% dos alunos as classificaram como pouco proveitosas, em contra partida apenas 4,3% afirmaram ter aulas muito proveitosas conforme destacamos abaixo:

Figura 7: Classificação do ensino durante a pandemia, segundo os alunos.



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

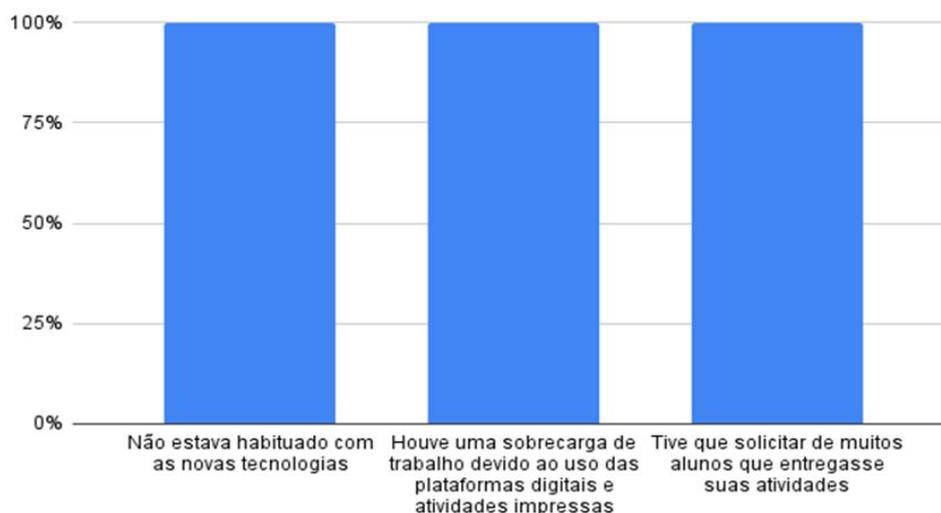
O professor que tem buscado exercer sua profissão enfrenta como pode as injustiças sociais e trabalhistas que são inerentes a sua profissão em um país desigual como o Brasil, muitas vezes sem os recursos necessários fazem milagres e cativam seus alunos com os poucos recursos que tem. Já os estudantes, essencialmente das classes mais vulneráveis economicamente, vem à escola muitas vezes, sem entender o porquê de frequentá-la. O

professor enfrenta uma dura realidade para trabalhar, enquanto o aluno enfrenta a desigualdade em seu dia a dia e também em seu processo educativo.

Devemos considerar que a relação professor/aluno, junto ao ensino, já enfrentava dificuldades anteriores à pandemia e temos que tentar entender o quão profundo é a problemática atual. Para Veiga (1998) há realmente um despreparo, por parte dos professores, para lidar com diferenças e limitações dos seus alunos. Segundo aponta a autora, existem diferentes níveis de aprendizagem e os docentes precisam incorporar as necessidades específicas do alunado, o que em alguns casos não acontece como deveria. Ou seja, há certa dificuldade do professor em entender as limitações dos alunos, o que ao longo do tempo, em alguns casos, dificulta uma boa relação entre estes sujeitos.

Além disso, todo o desgaste causado pela mudança abrupta de ensinar remotamente, e as adaptações necessárias para tal, resultaram em sobrecargas gigantescas nos professores do ensino básico. O próprio isolamento social que separou professores e alunos foi um dos maiores causadores de transtornos psicológicos na pandemia. Como bem destacam Freitas, Almeida e Fontenele (2021) a mudança brusca no trabalho e o excesso do mesmo gerou nos professores estresse, crises de ansiedade e até processos depressivos. Todos os professores envolvidos na pesquisa relataram estresse e sobrecarga por motivos distintos no mais alto grau durante o ensino não presencial, conforme demonstramos abaixo:

Figura 8: Grau de sobrecarga dos professores por razões distintas



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

Entre outras dificuldades para lecionar no período remoto, os professores citam as limitações estruturais como: falta de equipamentos e falta de internet. Além disso a pouca interação com os alunos, fez com que os mestres relatassem que sentiram desinteresse por

parte do alunado neste período. Perguntamos aos professores quais as maiores dificuldades estruturais que eles enfrentaram ou perceberam durante o ensino na pandemia e evidenciamos esta realidade conforme mostrado nesta nuvem de palavras elaborada conforme as respostas obtidas dos mestres:

Figura 9: Nuvem de palavras com as principais limitações para o ensino na pandemia, segundo os professores.



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

Apesar disso, diante do isolamento social, é perceptível que a profissionalidade do(a) docente ainda pode ser exercida: ensinar por meios de vídeo aulas e vídeos chamadas, avaliar através de formulários e dar as notas dos estudantes por meio de plataformas digitais. Diante disso percebemos a importância da profissão docente, pois como bem afirma Freire (1996, p 73)

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Assim como evidenciamos a importância dos professores no processo educativo cabe destacar também a essencialidade que se deve aos alunos nesse processo de ensino aprendizagem. E sobre isso Freire (1996) é a grande inspiração dos professores que

preocupam-se com a aprendizagem dos seus alunos e sempre será referência na Educação Básica de nosso país, quando nos referimos a relação destes sujeitos.

Diante disso, podemos entender a grande importância da relação entre professores e alunos, uma relação que passa por meios profissionais, pessoais e também emocionais. Abordar essas temáticas nos remete a algo lindo, dentro da educação, que ainda acontece mesmo em tempos duros de ensino remoto, o amor (seja pelo aluno, ou somente pela docência como profissão). São nas palavras do saudoso patrono da educação brasileira que encontramos significativas menções em que associa-se o amor ao ato de ensinar, Freire (1987) nos incita a pensar em uma pedagogia que destruindo a opressão nos leve a liberdade, tudo isso através da educação, um pensamento atual que pode servir de norte emocional aos professores que encontram-se em um estado de impotência nestes tempos difíceis. É na Geografia e com sua criticidade (com poder de mudança) que esperamos formar cidadãos que mudarão esse quadro difícil que enfrentamos quando falamos de desigualdade social e agora de uma desigualdade digital.

Já no contexto de um ensino remoto e agora híbrido sentimos na pele o efeito tempestivo da suspensão das aulas que fez com que professores e alunos tivessem que se ajustar rapidamente às novas formas de ensinar e aprender como bem apontou o Ministério da Educação (2020). Desse modo, na educação, os usos das tecnologias nas aulas remotas/híbridas emergiram como alternativas para dar seguimento às atividades escolares, Martins, Moura e Bernardo (2018, p 2-3) complementam este raciocínio dizendo que:

Com o advento das tecnologias os estudantes estão cada vez mais aptos a realizarem pesquisas, portanto a utilização desses meios, o que pode auxiliar o processo educacional dando maior flexibilidade, criatividade, estruturando redes colaborativas de aprendizagem. Diante desse pressuposto, cabe a escola inserir em seu currículo as tecnologias dando suporte pedagógico para que os professores contribuam na construção do conhecimento dos estudantes com a finalidade de tornarem-se cidadãos críticos.

Em meio a tudo isso estava o ensino de Geografia, uma disciplina essencial a educação básica. Conforme bem destaca Oliveira (2020) essa disciplina sempre se realizou e se construiu na escola, seja por meio de acalorados debates em sala de aula, ou pelo uso de mapas e globos para representação territorial/política, ou nas amadas aulas de campo, entre outros tantos elementos essenciais ao ensino da Geografia escolar.

O ensino de Geografia é, sem dúvidas, um conhecimento essencial para a formação crítico-cidadã do estudante. Conforme aponta Callai (2011), o conhecimento advindo da

Geografia permite ao aluno a possibilidade de “construir as bases de sua inserção no mundo em que vive e compreender a dinâmica do mesmo através do entendimento da sua espacialidade”. A Educação Geográfica é capaz de desvendar a leitura do espaço, do tempo e de toda a materialidade que o envolve em seu cotidiano.

Reiteramos que a Geografia dos anos finais da educação básica, em especial do Ensino Médio, é importantíssima ao alunado, porém apesar de tal importância o próprio Ensino Médio encontra desafios terríveis em quase todo território nacional. Cabe citar como exemplos destes problemas os discutidos na tese de Almeida (2019) que assinalou problemas enfrentados pelos estudantes do país, entre eles: de que a educação é um direito humano que muitas vezes não chega a todos os humanos, a desigualdade econômica que interfere nos processos educativos, e a não especificidade do artigo 23 da Constituição Federal, sobre qual educação o documento está tratando/garantindo, nem qual o seu nível ou aspecto de formação.

Diante do cenário pandêmico vivenciado desde março de 2020, no Brasil, o conhecimento geográfico é o que permite que o aluno tenha a compreensão da dinâmica de tudo o que está acontecendo ao seu redor, onde ele pode partir do entendimento local até a chegar ao entendimento global. Assim sendo, o ensino de Geografia nos proporciona o poder de relacionar a dinâmica do vírus no espaço geográfico, e como esse processo intensificou ainda mais as desigualdades sociais e tecnológicas, especialmente, para o acesso à educação.

Por isso, a Educação Geográfica tem o dever social de levar os estudantes a pensar sobre como o espaço globalizado atual teve um papel crucial para a expansão do vírus pelo globo, como também, compreender como o conceito espacial se materializa no lugar de vivência destes sujeitos, pois, conforme aponta Cavalcanti (2014), a Geografia ensinada em nossas escolas tem o propósito de contribuir para que os alunos desenvolvam um modo de pensar espacialmente todas as problemáticas que o cercam e assim agir como cidadãos conscientes de seu papel social .

Durante a pesquisa perguntamos o que foi mais complicado e limitador aos alunos diante das dificuldades que enfrentaram e, com base nisso, compilamos uma nuvem de palavras onde os alunos relataram impactos negativos junto ao ensino que tiveram durante a pandemia, estes impactos explicam, em sua maioria, porque houve uma aprendizagem comprometida, conforme mostraremos a seguir. Observe a nuvem de palavras:

Figura 10: Nuvem de palavras sobre o impacto da pandemia nas aulas de Geografia.



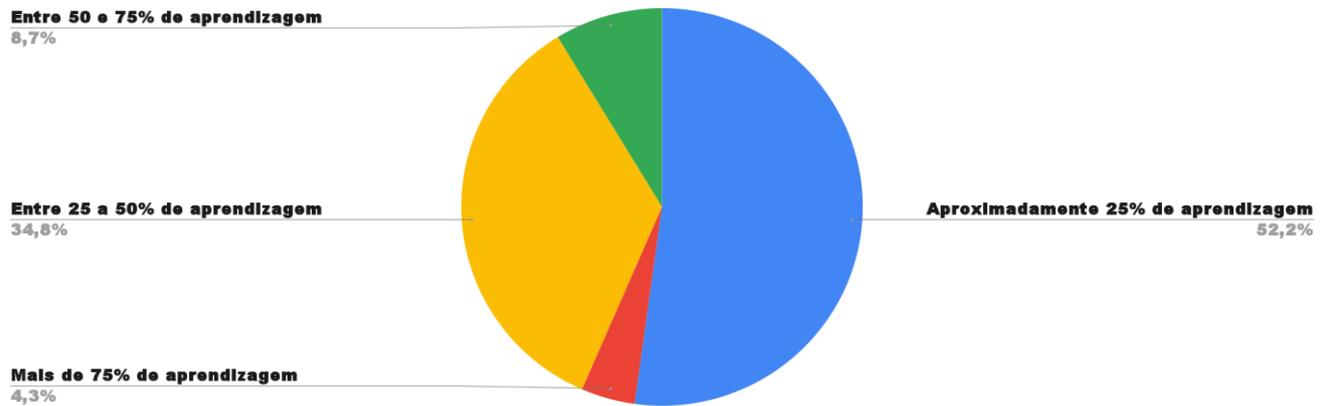
Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

Isso demonstra que os problemas estruturais, quando as aulas passaram a seguir o modelo remoto, provocaram novos e talvez maiores desafios para os professores, familiares e sobretudo para os estudantes, pois o suporte escolar e a infraestrutura didática e pedagógica não supriam as demandas de um ensino remoto diante da realidade da maioria dos estudantes brasileiros que muitas vezes não dispunham de aparelhos como celular ou computador, e que também não possuíam uma internet adequada.

Mesmo que em alguns estabelecimentos educacionais, os processos de ensino não fossem os mais adequados por falta de materiais e da estrutura necessária para desenvolver aulas de qualidade, com o ensino remoto as residências dos estudantes e professores passaram a ser as suas novas salas de aulas, muitas vezes insuficientes para atender a estes sujeitos durante a relação de ensino e aprendizagem que buscavam desenvolver. Uma nova rotina e fato de conciliar família e trabalho atordoaram os professores enquanto uma residência sem estrutura, ou ainda com má qualidade de internet atrapalhou significativamente a aprendizagem dos estudantes.

É inegável que a implementação das tecnologias digitais ocorreu de forma aligeirada e sem planejamento, o que acentuou a precariedade das práticas pedagógicas. Como evidência destes prejuízos trazemos dois gráficos, formulados a partir da nossa pesquisa, sobre a aprendizagem do alunado na percepção dos próprios alunos e de seus professores, respectivamente.

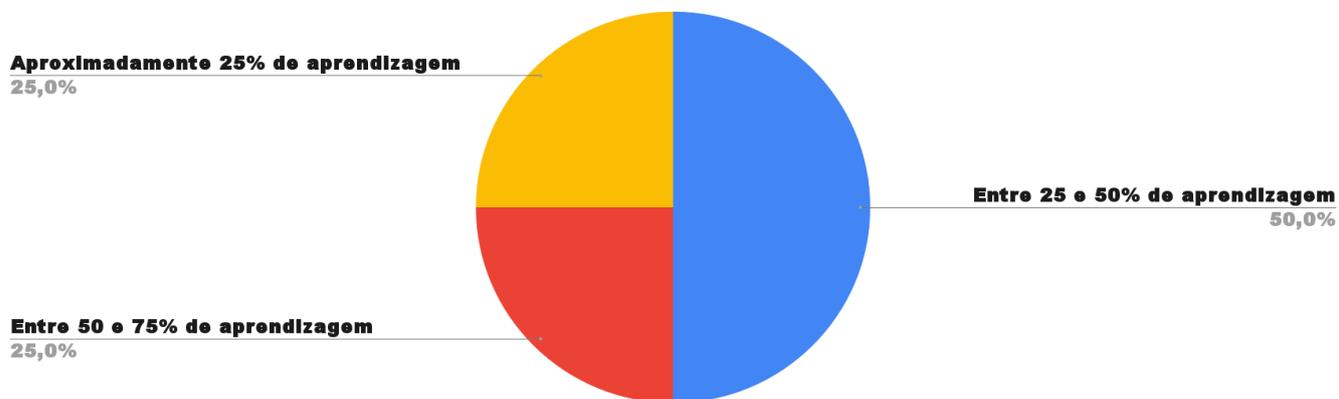
Figura 11: Aprendizagem na pandemia, segundo os alunos.



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

A maioria dos alunos dos municípios pesquisados relatou uma aprendizagem baixa dos conteúdos de aproximadamente 25% enquanto apenas 4,3% destes alunos apresentaram um aprendizado de mais de 75% segundo eles mesmos. Isso demonstra que as limitações estruturais e técnicas comprometeram o aprendizado dos alunos de Guarabira e Sertãozinho.

Figura 12: Aprendizagem na pandemia, segundo os professores.



Pesquisa própria, *Google Forms*, Maio de 2022.

Já os professores também concordam que houve uma baixa aprendizagem uma vez que apenas 25% dos professores entrevistados relatou uma aprendizagem acima de 50% dos assuntos abordados em sala de aula. A sobrecarga de trabalho sobre os professores, e as escolas sem uma estrutura adequada foram grandes agravantes para esse percentual apresentado.

Os gráficos acima mostrados destacam que a maior parte da aprendizagem se situa entre 50% ou menos, segundo a percepção dos dois agentes mais importantes do processo de ensino aprendizagem, alunos e professores. Respectivamente eles concordam que o nível de

aprendizagem na pandemia foi baixo. Constatamos segundo o nosso estudo que o ato de educar geograficamente é desafiador, especialmente, no contexto que vivenciamos (provocado pelo vírus SARS-CoV-2). Se o processo de ensino aprendizagem já era desafiador, com a pandemia isso foi intensificado.

Autores como Garcia (2013), e Rischbieter (2009) defendem a ideia de que o uso destas tecnologias é fundamental aos processos educativos contemporâneos, porém infelizmente muitos estudantes não possuem internet adequada, ou um celular ou qualquer outro aparelho para acessar a aulas online, e dependem, exclusivamente, de materiais impressos disponibilizados pela própria escola para poderem ter acesso aos conteúdos abordados nas aulas online. E estes fatos contribuem para uma baixa aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que os ensinamentos geográficos são capazes de contribuir consideravelmente para formação e/ou construção cidadã, e concomitante, para o amadurecimento da sociedade civil organizada. Muito embora tratada com descaso a Geografia é repleta de potencialidades e de significações sociais que contribuem imensamente para o desenvolvimento intelectual da sociedade. Particularmente, o compromisso social da Geografia enquanto uma disciplina tem por objetivo formar sujeitos críticos, autônomos e reflexivos.

Ainda assim, ressalvamos que embora tenham ocorrido inúmeras perdas durante o ensino emergencial como falta de estrutura física e digital, pouco ou nenhum acesso à internet por parte dos alunos e evasão escolar, essas puderam e/ou poderiam ser contornadas e minimizadas pelo uso contextualizado das tecnologias. Existiram prejuízos e desvantagens, a desigualdade de acesso, a não disponibilidade de recursos tecnológicos e a falta de investimentos governamentais para inserir os alunos e também os professores de forma justa. Essas questões intensificaram a precarização desse ensino.

Dessa forma, podemos perceber que mesmo com as limitações impostas pela pandemia a educação tem resistido e lutado para superar barreiras. Enxergamos o ensino (e certamente a aprendizagem) de Geografia como a possibilidade de ler esta nova realidade, pois o papel da Geografia é formar cidadãos que compreendam o mundo. Com essa perspectiva, Callai (2018) reforça que a Educação Geográfica pode oferecer as ferramentas intelectuais aos alunos para analisar, interpretar e compreender o mundo, e com toda certeza o mundo durante a pandemia de COVID-19.

A circunstância imposta, trouxe para âmbito educacional inúmeros desafios, mas também, o soerguimento de alternativas e possibilidades enriquecedoras para o contexto didático-pedagógico. No meio educacional, as tecnologias da informação, as redes de internet e o meio digital representam um estigma, cada vez mais, imprescindível, para os fins de ensino-aprendizagem. A ascensão ao meio tecnológico, é uma preocupação, que perante o cenário epidêmico e o distanciamento social desencadeada pelo COVID-19, se fomentou como uma alternativa para viabilizar o ensino remoto.

Desse modo, diante das averiguações evidenciamos que a atividade educativa não se revoluciona simplesmente pela introdução da tecnologia ou dos meios tecnológicos disponíveis como simples recursos didáticos. Somente o uso das ferramentas digitais não garantem o sucesso do processo de ensino, nem tão pouco são as salvadoras do ensino tradicionalista.

No ato de educar, todo processo depende da abordagem, do planejamento e da interação aluno-professor. O processo de ensino-aprendizagem só se desenvolve de forma eficaz quando este exercício ocorre de forma proativa, sendo considerado no procedimento os aspectos locais, o conhecimento prévio do alunado e impreterivelmente sua participação colaborativa, para que assim, haja a construção significativa dos saberes. Para que isto venha a se concretizar no âmbito escolar é indispensável melhorar as práticas de ensino, passando a abordar as temáticas de forma sugestiva e problemática. Não basta a dominação dos saberes teóricos da ciência geográfica, mas a articulação conjunta aos meios e dos recursos didático-pedagógicos que permeiam os envolvidos. Acreditamos, portanto em uma visão freiriana de ensino. Com uma educação que possa proporcionar autonomia aos indivíduos conforme incita Freire (1996). Autonomia esta na qual o conhecimento geográfico se apresente para promover a leitura de todo esse contexto vivido pela sociedade mundial.

Poderíamos dizer, ainda, que o novo modelo educacional traz em si mesmo uma nova realidade de ensino, para qual devemos observar e atuar com o intuito de aproveitar as novas possibilidades e contornar as limitações que nos são apresentadas. O que importa agora, não é “nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas” como bem afirma Gallo (2008, p 49). Assim sendo, sabemos que somente pela iniciativa, pela persistência pouco se pode fazer. Precisamos de políticas públicas educacionais efetivas para dar um sentido melhor a essa realidade dura que presenciamos, mais do que nunca é preciso que professores, pais e alunos se engajem na causa da educação para que ela possa, então, superar e evoluir neste momento de crise.

Desta forma constatamos que para o componente de Geografia, o contato social é um elemento importante. Com a volta gradual de encontros na sala de aula os alunos e professores podem mais uma vez coexistir em um mesmo espaço. Esse reencontro é importante para o bom andamento das aulas de Geografia, ainda que esbarre em dificuldades estruturais na escola. Além disso, cabe ressaltar que a função do professor no processo educativo, como aponta Moran (2015), é decisivo no sentido de que ele é quem vai criar os caminhos, gerir o processo de aprendizagem, articular as estratégias do trabalho coletivo e individual dos estudantes, bem como, aumentar a usabilidade dos materiais e metodologias já existentes.

Notamos ao decorrer da pesquisa que a aprendizagem sofreu perdas. Como foi evidenciado ao longo da pesquisa, na visão de metade dos professores apenas de 25 a 50% dos conteúdos foram apreendidos pelos alunos. Já entre os alunos mais da metade (aproximadamente 52%) deles afirmam que absorveram somente 25% dos conteúdos passados em sala de aula. Números preocupantes quando o que se pretende é uma educação construtiva, formadora de cidadãos críticos participantes da dinâmica social como defende Callai (2011).

A pesquisa objetivou destacar limites e possibilidade do ensino de Geografia, e isso foi evidenciado nos limites estruturais e de aprendizagem, assim como nas possibilidades que o uso das tecnologias digitais trazem para educação como um todo, particularmente para a Educação Geográfica onde contribuem muito para o processo de ensino-aprendizagem, quando utilizadas de forma correta em quantidade suficiente. Desse modo cabe destacar alguns pontos:

Figura 12: possíveis usos das novas tecnologias



Fonte: criação do autor

A importância de estudos acerca dos impactos da pandemia na aprendizagem vai desde o processo de entendimento do que de fato aconteceu, até o uso das experiências adquiridas para melhorar as futuras aulas. É indispensável avaliar o que aconteceu com o ensino de Geografia, para somente assim promover uma melhoria estrutural e técnica em prol de uma aprendizagem mais significativa e que forme cidadãos ativos socialmente.

Por fim, destacamos o alargamento do meio tecnológico durante e após esse evento pandêmico, inclusive, no contexto educacional. As mídias digitais e suas múltiplas linguagens, se transformaram em instrumentos exponenciais para manter o meio educacional e suas relações. Aplicativos como *Google Meet*, *Google Classroom* e outros se popularizaram exuberantemente em uma mínima fração de tempo, tornando-se no contexto pandêmico o pilar fundante para a execução das atividades e ações de ensino.

No mais, é prudente, posteriormente, refletir sobre as marcas deixadas pela inserção aos meios digitais, emancipados pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC's. Por tratar-se de recursos não convencionais estes artifícios têm um potencial diferenciado quando comparado com as práticas tradicionalistas. O estudo reflexivo dessa temática e a imersão ao meio digital na formação inicial é, sem dúvida, um caminho vasto para a reconstrução da fronteira educacional.

REFERENCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Juliana Nóbrega. Acesso e permanência de estudantes egressos da escola pública no ensino superior: um olhar crítico para as espacialidades na Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sede. **Tese (doutorado)** - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2019.

ALMEIDA, Juliana Nóbrega; SILVA, Regina Celly Nogueira. Desafios contemporâneos para o ensino de geografia e a formação de professores: reflexividade e práxis emancipatória na Universidade Estadual da Paraíba (Guarabira). Anais do ENANPEGE do XIV encontro nacional de pós-graduação em Geografia. **ENANPEGE**. João Pessoa, 2021.

ALVES, Lucicleide Araújo de Sousa; SANTOS, Benedito Rodrigues dos; FREITAS, Lêda Gonçalves de. **Impacto das ações formativas no uso de tecnologias nas práticas docentes**. Psicologia: teoria e prática, v. 19, n. 3, 2017.

Araújo, Adelmo Jovelino. Os desafios da educação do campo: um olhar sobre a Escola Vereador Manoel Cosmo Oliveira Sertãozinho-PB. **Trabalho de conclusão de curso** (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014

BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida et al. Inovações tecnológicas, educação e necessidades do capital. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. 1, 2020.

BARBOSA, Raissa Meireles da Silva. Contribuições, significados e desafios do ensino remoto junto as aulas de geografia no município de Guarabira/PB. **Trabalho de conclusão de curso** (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**. Blumenau, v.11, n.3, 2017.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular. Plano Nacional de Educação (PNE), **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em; 22 de fevereiro de 2022.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio 4/5/2011**. Projetos Políticos Pedagógicos/ Cap: VIII (Pág. 38). Equipe Técnica do DPEM/ NETO, Alípio dos Santos; LAZZARI, Maria de Lourdes; QUEIROZ, Maria Eveline Pinheiro Villar de; AMARAL, Marlúcia Delfino; ARAÚJO, Mirna França da Silva de; NETO, Pedro Tomaz de Oliveira.

BRASIL. Lei 13.415. Diário Oficial da União, 17.2.2017, Seção 1, p1.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de implementação de protocolos de retorno das atividades presenciais nas escolas de educação básica**. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/Guia%20de%20retorno%20das%20atividades%20presenciais%20na%20Educa%20B%20sica.pdf> Data do acesso: 14/04/2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Recomendações de proteção aos trabalhadores dos serviços de saúde no atendimento de COVID-19 e outras síndromes gripais**. COE/SVS/MS | Abr. 2020. Disponível em: https://www.saude.gov.br/files/banner_coronavirus/GuiaMS-Recomendacoesdeprotecao-trabalhadores-COVID-19.pdf Data do acesso: 14/04/2021

CALLAI, Helena Copetti. Educação Geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**. RN, 2018

CALLAI, Helena Copetti. O conhecimento geográfico e a formação do professor de geografia. **Revista Geográfica de América Central**. Costa Rica, 2011.

CASTELLAR, Sonia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia**. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Metrópole Em Foco No Ensino De Geografia: o que/para que/para quem ensinar?** In: PAULA, F. M. de A; SOUZA, V. C. de; CAVALCANTI, L de S. (Orgs.). **Ensino de Geografia e metrópole**. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

COSTA, Inês Teresa Lyra Gaspar da. **Metodologia do ensino a distância**. - Salvador: UFBA, 2016

DEON, Alana Rigo. Exigências à formação e à docência - discussões para pensar a educação geográfica. **Signos Geográficos**. Goiânia-GO, v.2. 2020.

FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Estudos Avançados** 32 (93), 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professor sim, tia não; cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Olho d'água, 1997.

FREITAS, Ana Célia Sousa; ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; FONTENELE, Inambê Sales. Fazer docente em tempos de ensino remoto. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, 2021.

GADOTTI, Moacir. Informação, conhecimento e sociedade em rede: que potencialidades? In: **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, n.º 23. 2001.

GALLO, Sívio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

GARCIA, Fernanda Wolf. A importância do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. **Educação a Distância**. Batatais-SP, v. 3, n. 1, 2013.

GARCIA, Tania Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; REGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino Remoto Emergencial: proposta de design para organização das aulas**. Natal: SEDIS/UFRN, 2020.

GOLDANI, Andrea. TOGATLIAN, Marco Aurélio. COSTA, Rosane de Albuquerque. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.

GUERRA, Maria das Graças Gonçalves Vieira; GOMES, Cláudia Suely Ferreira; RIBEIRO, Wagner Leite. Sala de aula digital e o uso das novas tecnologias na educação: perspectivas freireanas. **Diálogos Interdisciplinares**. Volume 9, Número 5, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Populacional 2010. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251593&search=paraiba|sertaozinho>> Acesso em 22/06/2022

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - PNAD Contínua 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf
Data do acesso: 14/04/2021.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

HILARIO, Wesley Fernando; ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro. Crises econômicas no Brasil e as reformas/contrarreformas do Ensino Médio. **Argumentum**, Vitória, v. 11, n. 03, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

Machado, Nathália Savione; Lupepso, Marina; Jungbluth, Anna. Educação Híbrida. Universidade Federal Do Paraná sistema de bibliotecas - biblioteca central coordenação de processos técnicos. Paraná, 2017.

Mais de 97 mil doses de vacina contra COVID-19 são distribuídas na PB para garantir Dia D nesta quarta. **G1 Paraíba**. João pessoa, 28 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/12/28/mais-de-97-mil-doses-de-vacina-contracovid-19-sao-distribuidas-na-pb-para-garantir-dia-d-nesta-quarta-29.ghtml>. Acesso em: 20/02/2022

MARTINS, Evaneide Dourado; MOURA, Anaisa Alves de; BERNARDO, Anacléa de Araújo. O processo de construção do conhecimento e os desafios do Ensino-aprendizagem. **RPGE** – Revista online de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v.22, n.1, 2018.

MARTINS, Vivian. Almeida, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes e fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Redoc**, v. 4, n.2, 2020.

MENEZES, Jones Baroni Ferreira de. Práticas de avaliação da aprendizagem em tempos de ensino remoto. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional** v. 2, n. 1, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

MUGNOL, Márcio. A Educação a distância no Brasil: Conceitos e Fundamentos. **Rev. Diálogo Educacional**. Curitiba, 2009.

NASCIMENTO, Francisco Ivam Castro do. SILVA, Derlangela Lira da. Tecnologias Educacionais no Ensino Básico: Exemplos de aplicações na área de Geografia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ed. 11, Vol. 01, 2020.

OLIVEIRA, Antônio Marques de; Silva, Sirneto Vicente da; Carvalho, Antônio Marcos Rocha de. Reflexões críticas sobre a proposta de ensino híbrido: entre a aparência e a essência. **Revista Cocar**. V.15 N.33, 2021.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da COVID-19? **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, 2020.

PARAÍBA. **DECRETO ESTADUAL Nº 40.188 - MEDIDAS DE PREVENÇÃO COVID-19**.

PARAÍBA. **Diretrizes operacionais das escolas da rede estadual da Paraíba para 2022**. João Pessoa, 2022.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997.

RISCHBIETER, Lucas. **Os inimigos da infância**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2009.

RODRIGUES Lima, Hudson. Ser professor: pessoalidade e profissionalidade. **Olhares & Trilhas**. v. 7, n. 1, 2009.

SANTOS, Débora Silva. Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs): uma abordagem no ensino remoto de Química e Nanotecnologia nas escolas em tempos de distanciamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico** – v. 02, n.07, 2021

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença?

Revista Docência e Cibercultura. Notícias. 2020. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>>. Acesso em: 19/07/2021

SANTOS, Franciele Soares dos; MARTINS, Suely Aparecida. Novo Ensino Médio: consequências e perspectivas para a formação dos jovens. **Revista Pedagógica**, v. 23, 2021.

SANTOS, Francisco Kennedy. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA PRÁTICA DE ENSINO PARA A PRODUÇÃO E MOBILIZAÇÃO DE SABERES DOCENTES. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**. Vol. 1, n. 2, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquin. **Metodologia do trabalho científico**. 23 Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Siqueira, Beatriz. O ensino híbrido na Geografia Física: uma experiência com o canal VisualiGEO. **TerraDidática**, Campinas, SP, v. 17, n. 00, 2021.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1998.

APÊNDICE

FORMULÁRIOS DOS PROFESSORES.

1-Como foi lecionar no ensino remoto emergencial e no ensino híbrido?

2-Para ministrar as aulas remotas você dispõe de quais tecnologias da comunicação e da informação?

- Computador
- Celular
- Tablet
- Outros

3-Antes da pandemia, você já tinha usado instrumentos para realizar aulas como: google classarom, google meet, zoom, etc.?

- Sim
- Não

4-Destaque as principais dificuldades pedagógicas, estruturais e metodológicas que encontrou nesta nova forma de ensinar.

5-O(a) senhor(a) sentiu-se sobrecarregado em ministrar as aulas remotas e híbridas, durante a pandemia?

- Sim, por vezes quis desistir da profissão
- Sim,mas consegui me adaptar
- Um pouco
- Não
- Não,inclusive facilitou meu trabalho

6-Por favor, explique brevemente as razões dessa sobrecarga, caso a mesma tenha existido.

- Não estava habituado com as novas tecnologias
- Houve uma sobrecarga de trabalho devido ao uso das plataformas digitais
- Tive que solicitar de muitos alunos que entregasse suas atividades
- Não houve sobre carga

7 Como você descreve a relação entre alunos e professores durante o ensino remoto? Cite mudanças, vantagens e desvantagens.

- Satisfatória
- Estranha muitas vezes não tínhamos contato com os alunos,só com as atividades
- Insatisfatória nem sempre as atividades vinham respondidas com coerência pelos alunos
- Precária, os alunos vão levar grandes lacunas de ensino e aprendizagem devido a pandemia.

8-Diante de todo o contexto educacional vivido nos últimos dois anos, como você classifica a aprendizagem de suas turmas do ensino médio, durante o ano de 2021 na pandemia de COVID-19?

- Aproximadamente 25% de aprendizagem
- Entre 25 e 50% de aprendizagem
- Entre 50 e 75% de aprendizagem
- Mais de 75% de aprendizagem

9-Qual a importância da formação continuada, sobretudo neste contexto de pandemia?

10-Quais os impactos do ensino remoto e agora do ensino híbrido, para os alunos do ensino médio, especialmente, para preparação do ENEM?

11-É possível aproveitar algo do ensino remoto e/ou híbrido para as futuras aulas

de Geografia?

12-Identifique seu município e escola.

FORMULÁRIOS DOS ALUNOS

1-Como foi realizar as aulas de forma remota entre os anos de 2020e 2021?

- Muito proveitoso
- Pouco proveitoso
- Cansativo
- Inovador
- Ruim

2-Diante da sua aprendizagem em Geografia o que foi mais significativo em sua vivência escolar, durante a pandemia?

- Ter autonomia para desenvolver as atividades propostas
- Necessitar de mais leituras para compreender os conteúdos
- Mudanças nas metodologias das aulas remotas e híbridas
- Poder realizar atividades diferentes, como uso de plataformas

digitais, pois isso foi uma novidade.

3-Você percebeu alguma facilidade ou vantagem durante o ensino remoto? Se sim, qual?

4-Por meio de qual recurso você a companhia as aulas remotas?

- Celular
- Computador
- Tablet
- Atividades impressas
- Outros

5-Em relação as aulas presenciais (junto ao ensino híbrido) que teve início no fim de 2021, qual a contribuição observada para o ensino de Geografia?

6-Dê uma sugestão para melhorar as aulas de Geografia no tocante ao ENEM.

7-Qual a importância da Geografia para sua formação cidadã, enquanto conluinte do ensino médio?

8-Avalie, em uma das médias abaixo, a porcentagem de aprendizagem dos conteúdos que você teve durante as aulas remotas/híbrida sem Geografia.

- Aproximadamente 25% de aprendizagem
- Entre 25 a 50% de aprendizagem
- Entre 50 e 75% de aprendizagem
- Mais de 75% de aprendizagem

9-Em algum momento ao analisar a sua realidade você associou conteúdos da Geografia ao contexto econômico que a pandemia de COVID-19 nos trouxe? Se sim, como?

10-Como a pandemia impactou no ensino e aprendizagem escolar, sobretudo em Geografia?

11-Identifique seu município e escola.